

NA PONTA DA CHUTEIRA HAVIA
UM FUZIL: ADRIANO IMPERADOR,
O PERCALÇO DA EUFORIA À
CRIMINALIZAÇÃO

JEFFERSON ALEFF OLIVEIRA
Universidade Estadual de Montes Claros
jefferson.aleff@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho propõe-se a discutir a criminalização da pobreza e seus efeitos no proibicionismo de entorpecentes, assim como, sua relação com o extermínio de jovens negros nas periferias brasileiras. Cabendo aos meios de comunicação um papel de mediador ou de catalisador desse processo. Para isso, se utilizará da especialidade da Micro-história, a fim de tomar a figura do futebolista Adriano Imperador e suas relações extracampo com a imprensa e sua comunidade natal, como problematização primordial. Nesse sentido, este trabalho procura compreender o processo histórico e social da criminalização da pobreza e seu entrelaçamento com a política punitivista e um recorte racializado.

Palavras-chave: Violência urbana; criminalização da pobreza; Adriano Imperador; Micro-história.

Recebido em 29 de setembro de 2020.

Aprovado em 5 de fevereiro de 2021.

THERE WAS A RIFLE NA
PONTA DA CHUTEIRA:
ADRIANO IMPERADOR, THE
MATTER OF EUPHORIA TO
CRIMINALIZATION

JEFFERSON ALEFF OLIVEIRA
Universidade Estadual de Montes Claros
jefferson.aleff@yahoo.com.br

ABSTRACT

This paper aims to discuss the criminalization of poverty and its effects on the prohibition of narcotics, as well as its relations with the extermination of young black people in the Brazilian outskirts. In this process, means of communication act as a mediator or a catalyser. For that, it will anchor in the specialty of microhistory, in order to talk to the figure of the soccer player Adriano Imperador and his relationships out of the fields with the press and his birthplace as a primary problematization. Therefore, this work aims to understand the historical and social process of the criminalization of poverty and its intertwining with punitivism and its racialized profile.

Keywords: Urban violence; criminalization of poverty; Adriano Imperador; microhistory.

*Fica facinho assim, e a mentalidade ai te define
quando gente igual eu só serve
se tiver Fazendo gol pelo seu time [...]*
Rashid

Que Deus perdoe essas pessoas ruins.
Adriano Imperador

INTRODUÇÃO: ENTRE OS GRAMADOS E AS TELAS DA MÍDIA, A DIVIDIDA EXPLOSIVA ENTRE FUTEBOL E POLÍTICA

Na preparação para a Copa do Mundo de 2018, uma foto de um jogador chamou atenção e abalou a imprensa mundial e, principalmente, a mídia desportiva inglesa: Raheem Sterling, atacante do Manchester City e da Seleção da Inglaterra. Mais precisamente, a foto postada pela camisa sete em sua rede social¹ trouxe um símbolo tatuado em sua perna direita, era um rifle M16. Na época, um tabloide britânico elevou a fotografia a um nível sensacionalista, alegando que o jogador teria “atirado na própria perna”, dando a ideia de que o jogador apoiaria o armamento, causando polêmicas em grupos desarmamentistas do país. Com a repercussão da imagem, diversas pessoas vieram a público pedindo que o atleta fosse cortado da seleção, pois, seria uma má influência para as gerações que se espelhavam no jogador.

O jogador teve que ir às redes sociais para se explicar sobre a foto e o acontecido, que, para o futebolista, tinha um significado especial. Como seu pai tinha sido morto por uma arma de fogo e não teve a oportunidade de acompanhar a trajetória do filho no mundo futebolístico, o jogador então, teria feito a tatuagem como homenagem. Esta foi, então, uma forma de mostrar ao pai que a única arma na qual tocaria para “matar” seria sua perna direita. Desse modo, o atleta ressignificou, dentro do mundo simbólico do futebol, o que seria uma tragédia familiar ao dar-lhe uma conotação de triunfo profissional.² Esse caso demonstra que a relação entre imprensa e jogadores de futebol nem sempre é amistosa. Ainda mais, quando envolve temas sensíveis ligados à política.

Fora do eixo principal do mundo da bola – a Europa –, na América latina e, em especial, no Brasil, essa relação entre futebol e política se misturam pelas telas midiáticas a tal ponto de caracterizar o Brasil como uma “pátria de chuteiras”³ e construir a identidade do país. De acordo com a historiografia, percebe-se a participação de políticos no mundo do futebol e a força da imprensa em construir narrativas que reforcem estereótipos sobre o mundo da bola especialmente na seleção brasileira. O caso emblemático desse processo é o esforço do então presidente Getúlio Vargas (1937-45) em associar a imagem da seleção brasileira como símbolo nacional, a ponto do próprio presidente se colocar como torcedor, mas também, claramente com fins políticos⁴, sendo um deles, a integração nacional. Em uma época de

1 STERLING, Raheem Shaquille. “**When you’re training and realised you ain’t post on the gram in couple days**”. Instagram, 2018.

2 Esporte.ig. **Com tatuagem de arma, Raheem Sterling causa polêmica na Inglaterra.**

3 Referência à frase de Nelson Rodrigues sobre a característica marcante da sociedade brasileira. Cf. *O processo de transformação do futebol como elemento da identidade nacional (2019)*, escrito por Guilherme Silva Pires de Freitas e Luiz Gonzaga Godoi Trigo.

4 FREITAS, Guilherme Silva Pires de. TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **O processo do futebol como elemento da identidade nacional.** FuLiA / UFMG, v. 4, n. 3, set. Dez., 2019 – FUTEBOL E POLÍTICA.

afirmações nacionalistas mundiais, era preciso desenhar a imagem do país como potência e Vargas viu no futebol uma das ferramentas para atingir esse objetivo.

Se por um lado a política se apropriou do futebol para somar dividendos, a imprensa também o fez para somar visibilidade, tendo em vista a massificação do esporte futebolístico do país. A grande marca desse processo seria a divulgação do conceito de “futebol arte” cunhado especialmente por influência de Gilberto Freyre, que analisava a maneira criativa de jogar futebol no Brasil devido à negritude e à mestiçagem. De acordo com Marques e César (2018), essa ideia de futebol arte – plástico, na verdade - são momentos pontuais que não correspondem à realidade do futebol praticado no país, mas que são amplificados pela mídia esportiva e pelos demais meios de comunicação como sendo características inatas dos jogadores brasileiros. Ao reforçar essa ideia de futebol arte, a mídia consegue captar visibilidade e agregar valor de mercado a si mesma com apelos publicitários que passam a enxergar no futebol um potencial, forma de associar suas marcas a jogadores, a times e à seleção.

Não obstante, há o papel da imprensa desportiva na construção desse imaginário do que é o futebol brasileiro e da participação política ao se apropriar do futebol para construir a imagem do que é o Brasil. Esses aspectos não se excluíram, pelo contrário, se convergiram um retroalimentando o outro, e ambos foram assentados sobre influência de Gilberto Freyre, que ao escrever seu livro *Casa grande e Senzala (1933)*, concedeu aporte teórico ao governo nacionalista getulista e, ao mesmo tempo, o antropólogo ampliou sua ideia para o futebol brasileiro, sendo esse esporte a prova cabal de sua tese sobre a identidade do Brasil, ideia essa que a imprensa ajudou a construir ao longo dos anos.

Ao mesmo tempo em que revela grandes jogadores negros, oriundos da população empobrecida e favelada, que brilham em solo brasileiros e europeus, o mesmo Brasil consegue, porém, ser líder em extermínio em massa de jovens provenientes dessas comunidades. É nesse cenário contraditório, em termos, que este trabalho procura percorrer. Para isso, se tomará como objeto de pesquisa aquele que já foi uma estrela do futebol brasileiro e mundial, um carioca, negro e favelado, tido por muito tempo como grande sucessor da consagrada camisa nove da seleção brasileira. Um jovem promissor desde as categorias de base, exaltado pela sua força física, presença de área e um chute preciso de canhota. Seu nome é Adriano, que logo iria ganhar o codinome de Adriano Imperador – em referência ao governante romano.

Enfim, este artigo pretende abordar a vida extracampo de Adriano Imperador e sua relação com a comunidade que, tomando-o como fio condutor para pensar relações sociais no Brasil, que vão além da própria vida do jogador. Por exemplo: a criminalização da pobreza, sobre um projeto construído que sedimentou a figura do traficante, especialmente, o morador de periferia como inimigo desumanizado a ser abatido e sem passividade de luto. Então, esse estereótipo recai sobre toda população favelada e periférica. Áreas historicamente marginalizadas e tratadas como potencialmente suspeitas e perigosas. Destaca-se aqui o papel

participativo da imprensa jornalística⁵ em noticiar e comover a opinião pública reforçando esses estereótipos e de retroalimentar todo um imaginário social construído sobre as comunidades, principalmente, caso alguém conhecido esteja envolvido, como foi o caso do jogador Adriano, ao ser fotografado com os supostos traficantes.

Sendo assim, a problemática desse trabalho é compreender de que maneira foram construídas historicamente as táticas de criminalização da população favelada e periférica e, também, de que forma os jornais cariocas *O dia* e *Meia hora*, contribuíram para a legitimação dessa política. O elo, portanto, é a figura do desportista Adriano Imperador, assim como o próprio jogador respondeu a essa imprensa, ao fazer uma leitura da própria vida. Teremos como horizonte a ser buscado, os seguintes objetivos: demonstrar como os meios de comunicação - neste caso, os jornais impressos - têm um papel importante na construção da imagem do inimigo na sociedade; problematizar a falta de um debate mais profundo sobre tráfico de drogas e suas implicações na sociedade, como o extermínio de pessoas em áreas historicamente criminalizadas e empobrecidas, e como, também, a utilização da imagem do esportista Adriano Imperador como catalizador dessa política de legitimação do extermínio.

Este trabalho se sustenta com a seguinte justificativa, procura contribuir para o debate sobre a história do esporte demonstrando como as linhas que separam os atletas do futebol são tênues quando o assunto envolve temas sensíveis ligados à política. Além de discutir o papel da mídia quando utiliza a imagem de um astro do futebol para reforçar caricaturas já existentes na sociedade brasileira. Para um melhor rigor científico e técnico, esta pesquisa buscou apoiar-se, especificamente, na Micro-história. Essa abordagem permitiu reduzir o objeto de pesquisa, para que, a partir dele, pudesse se pensar em toda uma série de relações macro. Nesse caso, a figura de Adriano Imperador servirá para pensar uma relação maior de criminalização da população periférica na sociedade brasileira.

Portanto, o recorte histórico deste artigo será entre 2010 a 2017, em que as polêmicas do jogador tiveram notoriedade. Não obstante, também será necessário contextualizar toda uma história da criminalização e proibicionismo para melhor suporte do tema. Em suma, pretende-se demonstrar que nem mesmo um jogador de futebol, no país com mais estrelas no peito, pode escapar da criminalização, independentemente de quantos títulos conquistados, ou mesmo, o nome que tenha feito no cenário internacional futebolístico. Seja Adriano ou Imperador, não dá para vencer um adversário que antes de olhar para suas conquistas, enxerga a sua origem como um sinal de degeneração.

A CRIMINALIZAÇÃO DA POBREZA

Com a massificação do futebol a partir da segunda metade do século XX, houve a oportunidade de vários jovens moradores de áreas empobrecidas ascenderem com a prática

⁵ Neste caso iremos trabalhar com os jornais carioca: *O Dia*, e também, *Meia Hora*. Ambos jornais destacaram fotos sensacionalistas do jogador Adriano em suas capas que inclusive reverberam em imprensa de maior circulação como a revista *Isto é*, como também, no jornal *Correio24horas*. É digno de nota, que outros trabalhos já foram feitos com o mesmo fim, analisar como a imprensa retrata os jogadores e faz a mediação com o público. Destacamos aqui o trabalho da dissertação intitulado: *A construção e desconstrução das narrativas midiáticas de idolatria futebolísticas: um Estudo de caso sobre Adriano, o "Imperador" (2016)* do autor Lucas Lopes Albuquerque Bastos. Neste trabalho, Bastos (2016) analisa como se deu o processo da criação do mito do Herói na figura do futebolista Adriano, e logo depois, como essa mesma imagem ruiu, principalmente entre a relação conturbada entre o jogador e a imprensa carioca. Para isso, ele faz um balanço crítico de dois jornais: o *Globo* e *Extra*.

esportiva. Ou seja, para se driblar as dificuldades impostas pela sociedade capitalista e competitiva, a carreira de jogador de futebol era vista por muitos como uma escalada para melhores condições de vida, assim como, para a realização profissional. O antropólogo Roberto da Matta em seu texto *Futebol: ópio do povo x justiça social* (1982), chama atenção justamente para esse ponto. Como a prática futebolística brasileira ganha contornos muito maiores para além do esporte, o antropólogo chega a dizer que o futebol é uma metáfora da própria vida. Ou seja, como o Brasil institucionalizou a desigualdade e a naturalizou transformando o país em um circuito fechado e hierarquizado, além de ser uma máquina de reproduzir privilégios, as pessoas das classes populares têm menor chance de ascender por vias institucionais. Cenário esse que muda com o futebol e será por ele que a horizontalidade irá sobrepor-se à hierarquia moldada no país.

É no futebol que a classe popular tem a consciência de que pode por meios individuais fazer valer seu esforço e, com isso, ser valorizada e, portanto, enxergada, contudo a sociedade brasileira que pela desigualdade construída, não permite ou dificulta esse aspecto. Da Mata (1982) reforça esse argumento ao comparar a prática esportiva nos países anglo-saxões (Estados Unidos e Inglaterra). Por lá, o futebol é visto como uma forma de trazer a coletividade a uma civilidade que foi constituída de forma individualizante, no Brasil acontece o contrário, o esporte coletivo é individualizado e isso se dá porque é no futebol que esse jogador que sai da classe popular vai ser percebido. É também por meio do futebol que o jogador pobre aparece e pelo qual pode infiltrar essas barreiras impostas e conquistar o sucesso e reconhecimento, diferentemente do que acontece na sociedade institucional brasileira.

Essa visão de superação de barreiras e da institucionalidade desigual se consagrou após os triunfos da seleção brasileira nas Copas de 1958, 1962 e 1970 e com elas, jogadores negros e mestiços em destaque, como o caso de Didi, Garrincha e Pelé⁶. É na copa de 1970 que acontece a consagração da seleção brasileira no cenário mundial, nesse mesmo período, o país vivenciava um regime de exceção (1964-1985) e estava em seu auge, para além da conquista do mundial, passava para aquilo que seria conhecido como “milagre econômico brasileiro”. O Brasil chegava à marca de crescimento econômico de 13% ao ano. Entretanto, essa prosperidade não abrangia a população plenamente. No mesmo ritmo que o país crescia economicamente, a pobreza se alastrava e, junto com ela, a explosão das periferias nas grandes cidades.

Com o crescimento das cidades e a explosão das periferias, a violência urbana e sua escalada de homicídios começavam a fazer parte do cenário brasileiro. Essa violência nas periferias se dará principalmente pelo proibicionismo das drogas. Isso não quer dizer que a classe média e alta não fossem atingidas, mas pela lógica de combate, a periferia era o alvo principal. É importante destacar que a política proibicionista ganhará contornos mundiais

⁶ Para Da Mata (1982), trabalhando com o conceito de dramatização a Copa de 1970, foi a consagração do super homem negro, diferente da Copa de 1950, no episódio conhecido como “Maracanazo”, em que a culpa pela perda na final da Copa do mundo do Brasil fora atribuída a jogadores negros como Bigode, Juvenal e, especialmente, o goleiro Barbosa, que por falhas individuais, a seleção brasileira, mesmo com a vantagem do empate, perdeu a partida e o título. De acordo com o antropólogo, a derrota na Copa de 1958 foi lida pelos meios de comunicação da época como uma prova da inferioridade da nação e pelos seus cidadãos, principalmente, mestiços e negros. Esse seria o destino inevitável da nação. Diferentemente, a Copa de 1970, que seria uma vingança nacional contra esse destino imposto à nação brasileira e essa vingança seria pelos pés do super negro Pelé, redefinindo a noção de raça e sendo coroado como Rei do futebol.

pelo papel estadunidense, que no auge da guerra fria, o presidente americano declarou que o inimigo número um da América não eram os soviéticos e, sim, os entorpecentes, e, nesse sentido, estava declarada a guerra às drogas. É relevante pontuar que a história do proibicionismo é relativamente recente, começando com a tentativa fracassada de cerceamento do álcool nos Estados Unidos (EUA), durante as décadas de 1920 e 1930. O que estava por trás do proibicionismo era o controle sobre o crescente processo migratório dos EUA, sobretudo de escoceses e ingleses que tinham a fama, na época, de consumirem muita bebida alcoólica. Isto é, desde o começo, a preocupação central do proibicionismo não era com os malefícios que o álcool poderia causar e, sim, com uma estratégia de conter um aumento populacional de imigrantes indesejados⁷.

Essa estratégia foi incorporada no final dos anos 1960 e início dos anos 1970, em que alvos novamente eram os imigrantes, dessa vez os latinos e a população negra americana. Como bem explicou o secretário de segurança do governo Nixon, John Ehrlichman. Ele demonstrou como a política de guerras às drogas serviu como instrumento para estigmatizar e para prender ativistas que vinham abalando a sociedade judaico-cristã branca. O secretário do presidente americano, John Ehrlichman, revelou que

A campanha de Nixon em 1968, e a Casa Branca de Nixon depois disso, tiveram dois inimigos: a esquerda antiguerra e os negros. Entendem o que estou dizendo? Sabíamos que não podíamos tornar ilegal ser contra a guerra ou negros. Mas ao fazer o público associar os hippies à maconha e dos negros com heroína, e depois criminalizar fortemente ambos, poderíamos perturbar essas comunidades. Poderíamos prender seus líderes, invadir suas casas, romper suas reuniões e vilipendia-los noite após noite no noticiário da noite⁸

Sendo assim, o governo ditatorial brasileiro, alinhado com o a política ideológica americana, passou a adotar o proibicionismo e, com ele, a sua lógica de combate às drogas. Como visto, o proibicionismo estava associado indiscriminadamente à política racista. Não se fazia uma guerra contra drogas e, sim, uma guerra contra as pessoas. Nessa espiral de violência, vai ser nas periferias que os problemas relacionados ao tráfico de drogas se fará mais presente, seja no combate policial, seja nas rixas entre facções em disputa pelo território para a distribuição do varejo de drogas. Dessa forma, além do empobrecimento e da violência que acometiam a periferia, o proibicionismo das drogas desaguando no tráfico precarizava ainda mais vida dos moradores.

O caso exemplar de todo esse processo entre empobrecimento e violência é o objeto do nosso estudo, o ex-jogador Adriano, que nasceu em 1982, na Vila Cruzeiro, umas das comunidades do Rio de Janeiro. Filho de um casal de classe baixa, o pai office boy e mãe revisora de uma fábrica de roupas. Antes de Adriano nascer, já passavam problemas financeiros, tendo como prato principal, por bastante tempo, macarrão com farinha, água e sal. A família do jogador tinha intimidade com o mundo do futebol, o pai organizava campeonatos de futebol na comunidade, e a mãe atuava como atacante em times amadores na favela da penha. Adriano, desde pequeno, conviveu com a violência, presenciou um dos vizinhos ser morto por arma de fogo, além de presenciar o pai ser baleado com um tiro na cabeça em um tiroteio. A bala ficou alojada na cabeça de Almir (pai de Adriano), que sobreviveu, mas, conviveu com a bala alojada na cabeça durante sua vida, tendo o médico o proibido de jogar futebol pela lesão.

Proibição essa que não foi acatado por Almir, que continuou a praticar o esporte⁹.

Como demonstrado, a história da infância do ex-jogador, se mescla com o período que atravessava o país, convivendo com a violência, pauperização e dificuldades financeiras. Devido a isso, a mãe de Adriano teve que trabalhar dobrado e com hora extra em seu serviço habitual, além de vender doces em feiras para aumentar a renda familiar. Fazia isso, também, para pagar as passagens de ônibus para Adriano conseguir frequentar a escolinha de futebol do Flamengo¹⁰.

Não obstante, o governo ditatorial militar brasileiro (1964-85) chega ao fim nos 1980, deixando como herança, uma forte inflação, uma desigualdade brutal - ligada a uma modernização caótica e conservadora¹¹ -, um empobrecimento gradual da população e uma explosão das periferias nas grandes cidades. Isso, também, era devido aos processos migratórios, especialmente, do nordeste para o sudeste. O Brasil, portanto, no seu processo de redemocratização adota como novo projeto de governabilidade o Estado Neoliberal. Essa forma de governo, de acordo com a criminalista Thais Almeida (2018), tinha como objetivo reduzir o raio de ação do Estado, isso porque, para grupos dominantes da época, a intervenção estatal era excessiva, causava ociosidade e burocracia, além de dificultar a livre iniciativa privada e a meritocracia. Como política, o Neoliberalismo pregava corrigir os excessos, inclusive em políticas públicas e na flexibilização de direitos trabalhistas. O Brasil passando por esses graves problemas se une ao projeto político e econômico Neoliberal, que naquela altura, parecia corrigir os problemas advindos, no campo econômico, de 24 anos de ditadura militar, em que era preciso redesenhar o papel do Estado.

Além do fato de a política neoliberal trazer consigo a visão de um Estado mínimo, ela carregou em seu interior uma onda conservadora e moralista nos costumes, reforçando o aspecto individualista desse novo modelo econômico e social, que se associa com a ideia do proibicionismo. A redemocratização do Brasil e a transição para o Estado neoliberal provocaram um estrangulamento das condições de vida das pessoas mais pobres, aumentando ainda mais o desemprego, pauperização e uma ascendência de criminalidade violenta. Para esses problemas o próprio neoliberalismo apresentava a solução, a sua outra face o: Estado Penal. Esse Estado Penal seria atuante nessas pessoas desviantes desse novo modelo político e econômico. Para ficar mais claro, pessoas desviantes seriam aquelas que não tinham poder de consumo e eram enxergadas a par dessa nova sociedade, que prezava a maximização do indivíduo e, conseqüentemente, dentro da visão meritocrática e neoliberal, caso não conseguisse vencer a pobreza, logo seria um mau trabalhador e, sendo assim, um potencial

9 Cf. JUNIOR, Janir. **Mundo cão: pobreza, violência e morte marcam infância de Adriano: Aos oito anos, o jogador presencia assassinato na Vila Cruzeiro, depois, vê seu pai ser baleado na favela e, aos 10, quase morre ao contrair sarampo.** In: Globo. Rio de Janeiro, 2012a

10 Cf. JUNIOR, Janir. **Adriano: da favela a Milão, morte do pai, assassinato e chantagens: Imperador aponta perda de Mirinho, em 2004, como divisor de águas em sua trajetória, mas esconde tragédia às vésperas da Copa de 2006.** In: Globo. Rio de Janeiro, 2012b.

11 SANTOS. Milton. **A urbanização Brasileira.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

delinquente¹².

Com essa nova política neoliberal de maximização do indivíduo, e o Estado penal como modelo punitivista, o esquadramento da população mais pobre se agravou, acentuando ainda mais as desigualdades. Um exemplo a ser citado é o caso da Polícia Militar, que foi treinada para perseguir militantes comunistas e oposicionistas do regime durante a ditadura, foi redirecionada e reorganizada para combater o tráfico de drogas dentro do modelo proibicionista, sendo as periferias os grandes alvos das operações policiais. Naquele período, o papel da mídia, especialmente o tipo de jornalismo que ficou conhecido como populismo penal, foi fundamental para legitimar e mobilizar a opinião pública nessas excursões policiais. Com a crescente violência urbana, o perfil vitimado pela polícia enquadra-se como agentes propulsores da violência no Brasil e os policiais como heróis destinados a combater esse crime e os criminosos. O traficante periférico e favelado de entorpecentes foi enquadrado e sua imagem como inimigo da nação foi ampliada pelo populismo penal. Nesse sentido, a criminalização da pobreza associava todo morador da periferia a um suposto criminoso ou traficante, reforçando a suspeição generalizada sobre a população periférica e ainda pior, legitimando o extermínio nessas áreas.

Orlando Zaccone demonstra em seu livro *Indignos de vida (2015)* como essa forma de extermínio foi naturalizada. Polícias sobem morros e executam pessoas, forjam cenas do crime, quando não, assassinam deliberadamente suspeitos com tiros na nuca, costas e até mesmo nas palmas da mão, um sinal de que a vítima estava tentando se proteger. Após esses assassinatos, são os próprios policiais que geralmente são as únicas testemunhas do crime, enquadram a atividade como “autos de resistências”, que seria quando os suspeitos reagiram contra a abordagem policial. O ministério público arquiva o caso, seja porque as vítimas já possuem passagem pelo sistema criminal, seja por morar em área propícia ao tráfico de entorpecentes. De acordo com Zaccone (2015), há uma legitimação do extermínio que tem pela ponta os agentes militares, mas que se estende até o ministério público, que arquiva o caso sem de fato investigar, como se o fato de a pessoa ter passagem ou morar em um local marginalizado fosse suficiente para ter a vida exterminada pelo Estado. Isso demonstra como a política neoliberal e seu Estado penal operam culpabilizando os mais pobres e nunca a pobreza, e que instigados pelo proibicionismo de cunho racista, forjou a guerras às drogas, que não combate às drogas e sim, as pessoas. No caso do Brasil, essa imagem ficou límpida, transformando o traficante periférico em inimigo da nação, que pode ser morto sem o processo de luto, e não apenas ele, pela criminalização da pobreza todo e qualquer morador da periferia, que tendo sua morte

12 É importante destacar que essa ideia de criminalização da pobreza já se fazia presente no Brasil, como destaca historiador Sidney Chalhoub (1996). No início do século XX, ao trabalhar as transformações urbanas do Rio de Janeiro e a demolição do cortiço cabeça de porco demonstra como o pensamento liberal circulante na época influenciou a criação de medidas autoritárias contra a população mais vulnerável e habitante de cortiços. O discurso preponderante na câmara municipal e nos jornais impressos era o de que se as pessoas moravam naqueles determinados locais (cortiços) seria porque não se esforçaram o bastante. Portanto, não trabalharam o suficiente para sair daquela situação, sendo assim, maus trabalhadores e preguiçosos. Ou seja, eram ociosos e dados ao vício da vagabundagem, ao qual produziria malfeitores e bandidos. Os pobres se materializavam como uma potencial classe perigosa para o tecido social brasileiro, que estava se constituindo de modo republicano e assalariado. Para o historiador, a criminalização da pobreza se fez presente para culpar os pobres pela situação que se encontravam e tendo como dispositivo a ideia de suspeição generalizada sobre os moradores que moravam em áreas empobrecidas, especialmente, os negros e mestiços. Suspeição essa que se estenderia ao longo do século XX e XXI.

atribuída ao pelo Estado é tido como traficante¹³ ou como um potencial suspeito.

Após toda uma construção sócio-histórica da criminalização da pobreza, é necessário demonstrar como a mídia atua dando publicidade, legitimação e mobilizando a sociedade civil para práticas genocidas nas favelas brasileiras, que ganham contornos maiores quando associam a imagem de um jogador de futebol à imagem do traficante. Percebe-se, assim, uma busca maiores holofotes e nenhum compromisso com a realidade complexa da segurança pública. Esse discurso também é rebatido pelo próprio jogador Adriano Imperador, que demonstra uma periferia além da criminalização.

DA EUFORIA À CRIMINALIZAÇÃO

Adriano Leite Ribeiro nasceu em 1982, na comunidade chamada Vila Cruzeiro, uma localidade pertencente ao Complexo da Maré, no Rio de Janeiro. Ele teve uma infância pobre e carente. Talentoso, Adriano conseguiu subir nas categorias de base e se destacou, sendo convocado para as categorias de base da Seleção Brasileira, tendo como companheiros, jogadores que futuramente iriam se destacar no futebol mundial, como Ricardo Izecson, conhecido como Kaká, e Júlio Baptista. Sua profissionalização efetivada no Flamengo foi meteórica, logo saiu vendido para Internazionale de Milão. Todavia, em seguida, foi emprestado ao Parma, outro clube italiano, pela temporada 2002/03, e voltou para o clube de Milão, destacando-se pelos gols e conquistando títulos. Naquele time, ganhou o apelido que vai caracterizá-lo, a torcida o chama de Imperador, uma referência por ser homônimo de Adriano (76-138 d.C.), o imperador romano.

Além de ganhar a Itália, Adriano Imperador conquistava o cenário internacional, substituindo a consagrada camisa 9 da seleção brasileira, nas Copas América e das Confederações. Em 2004, com uma Seleção alternativa de jogadores, Adriano fez o gol de empate no último minuto dos acréscimos, levando o Brasil às penalidades, das quais saiu vitorioso. Já na Copa das Confederações, o jogador foi o artilheiro e o melhor jogador da competição, ambos os títulos conquistados sobre o maior rival da Seleção Brasileira, a albiceleste. A euforia de ambas as conquistas de virada improvável, nos últimos segundos, e na outra final, com um futebol de gala e com gols decisivos, Adriano recebeu os holofotes na mídia em nível global, além de se consagrar como um dos melhores futebolistas daquela época.

Entretanto, enquanto vivia uma ótima fase, em 2004, seu pai faleceu. Portanto, Adriano não conseguiu lidar com tamanha perda, uma vez que foi um fato determinante para que o atleta desenvolvesse uma depressão profunda. Doença que o acompanhou por anos, levando-o a ter problemas com álcool, o que era frequente nessa etapa. Voltando ao Brasil, em 2008, tentando reconquistar o bom futebol, o jogador conquistou dois títulos no Campeonato Brasileiro: um com o Flamengo e outro pelo Corinthians, sendo, no time carioca, artilheiro do campeonato. Contudo, polêmicas extracampo começam a afastar o jogador dos gramados, além de uma vida conturbada, como falta de treinos, excesso de peso para um jogador de futebol e lesões.

O comunicólogo Lucas Bastos (2015) trabalha a relação entre o jogador Adriano e a

¹³ É conveniente destacar que aqui o caso do pedreiro Amarildo e da própria Marielle Franco, casos amplamente divulgados, que tiveram a imagem ligada ao tráfico de drogas apenas por morarem em áreas criminalizadas e marginalizadas, algo que não é verídico. Assim, legitimando o extermínio.

imprensa desportiva. De acordo com o pesquisador, o itinerário percorrido dos meios de comunicação remontam a tradição do Herói, ou seja, de um nascimento e de um infância difícil, a conquista do objetivo almejado, que seria o reconhecimento do futebol europeu e também, ao retorno apoteótico à seleção brasileira, reforçando a idolatria ao personagem futebolístico. Entretanto, essa relação se estremeceria a partir de 2010, com o jogador atuando no Brasil, e , principalmente, com sua vida extracampo e a convivência do futebolista com a comunidade de origem, a Vila Cruzeiro.

Em 2010, o jornal carioca *O Dia* estampou, na edição daquele dia, a seguinte manchete: *Adriano suspeito de ligação com bando que derrubou helicóptero da polícia*, além frase impactante, o jornal apresentou duas fotos do jogador: em uma, ao lado de um amigo, Adriano apareceu empunhando armas; a outra imagem destacava que o Imperador estava fazendo os símbolos C e V com as mãos, logo, interpretaram como as insígnias do Comando Vermelho, uma das poderosas facções criminosas no Brasil. A defesa de Adriano rebateu as acusações do jornal, dizendo que estariam sendo vítimas de extorsão, até apontaram as fotos como antigas, datadas de 2007, nas quais o jogador apareceu com armas, só que não seriam reais, e sim brinquedo de *paintball* e o que seu amigo segurava era um abajur quebrado¹⁴. Os símbolos feitos com as mãos pelo jogador seriam meramente uma brincadeira entre amigos, e a foto tirada em momento de descontração, sem quaisquer implicações e apoio à facção criminosa.

Adriano, já afastado dos gramados, voltou a ser o holofotes da mídia 7 anos depois dessa polêmica. Em 2017, o jornal *Meia Hora* postou uma foto do jogador abraçado com um traficante conhecido como Rogerinho 157, cujo título era *Que Deus perdoe essas pessoas ruins*. A legenda do noticiário era mais sensacionalista ainda, onde se é possível ler: *O traficante Rogério 157, atual Imperador da Rocinha, posa ao lado de um amigo*. O ex-jogador tentou se defender, dizendo que ele tira foto com quem quiser e que queria processar o veículo de informação por divulgar tal foto, até porque sentia-se perseguido, pois essas pessoas (leia-se jornalistas) não o deixavam em paz¹⁵.

Porém, a resposta mais contundente do ex-jogador se deu em 2019, quando foi entrevistado pelo jornalista e apresentador Pedro Bial, no programa *Conversa com Bial*. O futebolista fez um balanço da sua carreira profissional e vida pessoal. E é nessa conversa que é possível explorar a relação entre Adriano e a imprensa esportiva. No começo da entrevista, ao rememorar sua infância e relação com a comunidade carioca, mais do que a coerência do seu discurso, o que nos chamou atenção foram as divergências vistas na fala do jogador.

Adriano Imperador entrou em contradição em duas falas, extremamente importantes sobre as motivações à vida do crime dentro da comunidade. Em um primeiro momento, disse que se não tivesse uma estrutura familiar adequada, poderia ter se extraviado para outros caminhos, dando a entender que tinha um potencial direcionamento à vida no crime. Foi possível entender pela fala do Imperador que existem condições no nível macro que agem sobre o individual e que por ter uma família estruturada, ele teve uma base, uma rede de solidariedade que o permitiu seguir a carreira e o sonho de ser um futebolista. Mais à frente, ao ser questionado sobre quantos amigos ele teria perdido na vida do crime na sua comunidade

14 Cf. Correios24horas, Jornal publica foto do jogador Adriano com metralhadora. Empresário de Adriano diz que jogador foi vítima de extorsão.

15 Cf. Esporteig, Adriano Imperador aparece ao lado de traficante da rocinha em foto e desabafa.

natal, o ex-futebolista disse que foram muitos, mais de “quarenta” ou “cinquenta”¹⁶. O que lamentava muito, só que a escolha dessa vida criminoso seria uma decisão dos próprios indivíduos.

Uma contradição em termos, se por um lado, foi a família que deu a ele a rede de sustentabilidade que o permitiu seguir sua carreira, Adriano dá a entender que sem ela, poderia seguir outros caminhos, ou seja, não foi apenas uma decisão individual e sim uma estrutura que o livrou da vida no crime, mas, ao falar dos amigos mortos diz que foi uma escolha individual se esquecendo dessa rede de proteção que o livrou. Sem tomar conta, Adriano também reproduz a ideia neoliberal de maximização do indivíduo e do Estado penal punitivista, de que pessoas que se envolvem na vida do crime, se direcionaram por vontade própria, selando o seu destino, ou seja, aquela ideia neoliberal pela qual o indivíduo, e apenas ele, é responsável por suas decisões e que os obstáculos externos devem ser vencidos com trabalho árduo.

Adriano, ao apenas lamentar a morte dessas pessoas, deixou escapar que essas pessoas foram mortas e sem possibilidade de luto, já que escolheram este caminho. Em outros termos, naturalizando o extermínio, como se fosse comum perder dezenas de amigos em um curto período de tempo, e não um processo de violência extrema. Ainda que durante a entrevista tenha deixado claro que o fato de ter uma família estruturada o livrou e deu base para que ele conseguisse o sucesso e a vitória profissional¹⁷.

Em outro questionamento, ao falar de uma moto de luxo, dada a um traficante, e de ter colocado no presente o nome da mãe de um procurado da polícia, Adriano Imperador se contrapôs a essa ideia do comerciante de entorpecente ser um monstro. Humanizando o traficante, o jogador afirmou que “ele cresceu comigo, é meu amigo e eu dei um presente a ele, até onde sei, não é crime dar um presente. O que ele faz da vida dele não é um problema meu”¹⁸. Adriano questiona o ódio que a imprensa tem em relação a esse caso, pelo fato de o suposto traficante ser amigo dele. Imperador vai de encontro a esses julgamentos, exaltando aquilo que a imprensa demoniza e transforma em monstro na sociedade.

Ao analisar todo esse enfrentamento entre Adriano e a imprensa, levanta-se a ideia de suspeição, que se intensifica quando capas de jornais utilizam a imagem do jogador juntamente com comerciantes de entorpecentes para ganhar publicidade, reforçando o estereótipo do negro perigoso, associando a imagem do traficante favelado como perigo eminente a toda uma sociedade civil. Sendo o próprio, encarnação do mal, desumanizando-o fator esse fundamental para o extermínio. Essa criminalização só é possível devido a um tipo específico de imprensa que eleva a questão da violência e criminalidade a um nível sensacionalista. Isso ocorre pelo fato de esses tipos de mídias estarem mais preocupadas em chocar a opinião pública para vender jornais e ganhar publicidade do que necessariamente propor uma discussão séria e

16 CONVERSA COM BIAL [entrevistador]. Entrevista com Adriano Leite Ribeiro. Rio de Janeiro, outubro, 2017a.

17 Para José D’Assunção Barros (2007), o historiador que se propõe a trabalhar com a especialidade da Micro-história utiliza fragmentos da fonte proposta para buscar significados. Em suas fontes, pode-se encontrar elementos contraditórios, falseamentos, silenciamentos, incongruências e intenções diversas, que se desdobram sobre o objeto analisado. Assim sendo, essa abordagem trabalha de modo a reduzir a escala de observação, a fim de maximizar o tecido social, observando a história que os homens produzem, bem como seu efeito dela sobre si próprios, principalmente, a luta e disputa da própria história pelos homens que a fazem.

18 CONVERSA COM BIAL [entrevistador]. Entrevista com Rafael Amaral França. Rio de Janeiro, outubro, 2017b.

comprometida sobre a problemática da violência e do tráfico de drogas. Como bem salientou Thais Almeida (2018),

No contexto de agente socializador, a mídia compromete a cidadania daqueles que consomem cultura apenas a nível de produção de massa, pois propaga um discurso maniqueísta essencial para manutenção da sua ampla esfera de proliferação ao simplificar os acontecimentos sociais em binômios que se contrastam: a norma vs. a contra norma; a vítima vs. o delinquente. Assim, promove-se a espetacularização da vida real através de um “jornalismo propagandista”, reduzido a nível de folhetim. (ALMEIDA, 2018, p.27).

Almeida (2018) demonstrou como uma parte da imprensa se converteu em um populismo penal midiático, o qual não tem interesse, de fato, em uma discussão profunda com a segurança pública e apenas utiliza jargões do senso comum, notícias e capas sensacionalistas para espalhar o medo na sociedade. Sociedade essa que, na verdade, é violenta, mas que, com esse medo – endossado pela mídia - exacerba a própria realidade. Já que aqueles que são mostrados como violentos e perigosos para a sociedade são os que mais são chacinados.

Um exemplo disso encontra-se na própria trajetória do jogador Adriano, em 2006. Segundo o site *Globo* (2012), antes do mundial na Alemanha, o atleta foi a uma boate com os amigos, no Rio de Janeiro, e, após a festa, em uma batida policial, um dos amigos do Imperador optou por fugir da polícia e acabou sendo baleado e morto. Esse fato abalou o jogador profundamente. Ou seja, os que são mostrados como potenciais violentos, na verdade, são os maiores vitimados.

Sendo assim, ainda de acordo com Thais Almeida (2018), aqueles que são demonstrados como a essência da violência, com efeito, são os alvos da violência, como demonstram os mapas de violência e fóruns de segurança pública, nos quais um jovem negro pode ter até três vezes chances de ser assassinado do que um jovem branco, no Brasil. Essa violência, como demonstrado, tem cor e classe social. A criminalista explica que

Assim, há uma real instrumentalização dos corpos marginalizados apenas quando conveniente ao discurso propagado, mas nunca quando contrariando a versão maniqueísta que vende jornal. O corpo pobre e marginal só é apresentado na mídia como estatística de violência ou como perpetuador da violência, mas nunca como resultado da violência estrutural, de forma que a mídia omite a trajetória do marginalizado, ao mesmo tempo que se utiliza de sua imagem para justificar medidas punitivistas contra o próprio. (ALMEIDA, 2018, p.27).

Conforme Almeida (2018), esse tipo de jornalismo em específico não se baseia em critérios científicos, tampouco em comprovação de dados de como se dá a escalada da violência e quais caminhos ela percorre até chegar ao periférico/favelado. Além do mais, esse campo midiático induz a população em geral a perceber a criminalidade como algo localizado em um grupo preciso e não como um sistema capitalizado e disseminado em outros setores da sociedade. Esse tipo de discurso produzido pelo populismo penal midiático inflama a sociedade civil, ao receber essas informações sensacionalistas, as processa e, como resposta, pede mais punitivismo como solução para o problema. Mesmo que esse punitivismo contrarie os dados científicos, serve como justificativa para vender notícias, cabendo ainda aos políticos oportunistas a utilização dessa fração da violência como um todo, a fim de se eleger e governar, baseados em uma falsa realidade. Essas autoridades com um orçamento limitado destinam verbas e recursos para finalidades distintas daquilo que a realidade diz, causando, assim, males mais profundos na sociedade que a própria violência, ou pior, reforçando a própria violência

que eles tanto dizem combater¹⁹.

Para entender o porquê e como foi possível utilizar as imagens dos traficantes como monstros e associá-las à figura do jogador. A filósofa estadunidense Judith Butler (2015) esclarece como acontece esse processo de enquadramento sobre quem deve viver e sobre quem merece morrer. Para isso, a autora tomou como base o próprio corpo como objeto político historicamente construído, codependentes de outros corpos e com significados sociais. A filósofa demonstrou, por exemplo, de que maneira o atentado em 11 de setembro foi construído através dos meios de comunicação, em que se estruturou um luto nacional em relação às perdas de vidas americanas, mas, apenas àqueles que eram de fato americanos, esquecendo-se dos trabalhadores ilegais. Desse modo, o estabelecimento da comoção foi diferente para as demais vidas, enquanto que para uns foi confirmado o luto, para outros, nem mesmo a memória de suas vidas foram postas na questão nacional.

Fato semelhante acontece no Brasil, em que os corpos marginalizados estampam capas de jornais como a encarnação do mal e, conseqüentemente, direcionam a opinião pública para o extermínio desses mesmos jovens. Para Judith Butler (2015), isso só é possível devido ao fato de que existem vidas que não foram vividas, sendo assim, não são passíveis de luto. Em outras palavras, as perdas de algumas pessoas se tornaram indiferentes, isto porque essas vidas nem foram consideradas como tal, ou seja, para toda uma sociedade essas vidas nunca existiram²⁰ e, sim, são vistas como ameaças. Nesse sentido, a autora afirma que

Quando uma população parece constituir uma ameaça direta à minha vida, seus integrantes não aparecem como “vidas”, mas como uma ameaça à vida (uma representação viva que representa a ameaça à vida) [...] Aqueles que matamos não são completamente humanos, não estão de todos vivos, o que significa que não sentimos o mesmo horror e a mesma indignação diante da perda de suas vidas que sentimos com a perda das outras vidas que guardam uma semelhança nacional ou religiosa com a nossa própria. (BUTLER, 2015, p.69).

Para compreender como esse processo de vidas é passível de luto, foi possível observar na própria entrevista concedida no programa *Conversa com Bial*, mas dessa vez, um familiar de Adriano Imperador foi quem esclareceu esse processo e, novamente, nas entrelinhas, pode-se perceber o desenvolvimento da negação do luto e, até mesmo, da dignidade da vida humana. A fala foi do primo de Adriano, Rafael Amaral França disse que a maior obra do jogador para a família seria justamente o fato de o Imperador ter tirado todos eles da comunidade “isso já paga tudo o que ele fez pra gente”²¹. O que esse discurso revela é que o jogador, ao retirar a família da favela de Vila Cruzeiro, devolveu a dignidade da pessoa humana, tal como o direito à vida. Já que as pessoas que moram naquele local vivem sob constante ameaça de morte, seja por confronto, seja pela geopolítica do tráfico e facções ou pelo Estado, que atua em duas frentes para o extermínio da população, sendo elas: (i) atuações de grupos militares

19 O professor Gabriel Feltran (2019), em artigo publicado no fórum de segurança pública, faz uma análise dos dados de violência que vigoraram no Brasil nos últimos anos. Feltran argumenta que o Estado brasileiro, com a política punitivista e de encarceramento em massa, trabalha no sentido de reforçar as facções criminosas. Tendo em vista toda a dinâmica de recrutamento que essas facções fazem dentro dos presídios para se protegerem e se organizarem dentro das engrenagens do mundo carcerário, a outra face disso, e um controle que vem de dentro para fora dessas mesmas organizações criminosas que vão ditar para seus discípulos os caminhos a seguirem fora das grades.

20 Jesse Souza (2009) também defende a ideia de que o Brasil não homogeneizou o status de vida a todos os brasileiros, como fizeram os países de primeiro mundo. Por isso, para toda a sociedade, existe a naturalização da morte de pessoas marginalizadas, por que, no entendimento dos brasileiros, essas vidas perdidas, na verdade, nunca foram vidas de fato.

21 CONVERSA COM BIAL [entrevistador]. Entrevista com Rafael Amaral França. Rio de Janeiro, outubro, 2017.

e suas excursões em becos e vielas; (ii) na sua completa ausência de garantidor de direitos e de políticas públicas. Além disso, as pessoas que vivem em comunidades convivem com o estereótipo, que foi construído historicamente, de que são pessoas inábeis e propensas ao crime. Ademais, quando são chacinadas têm uma dupla morte, já que além da morte física, existe a morte social, na qual as relacionam a traficantes que, para a sociedade brasileira, não são passíveis de luto²².

Paralelamente a isso, essa criminalização e estigmatização não ocorrem com os empresários que construíram verdadeiros impérios e conglomerados de bebidas alcoólicas, bebidas que fazem tanto mal quanto outras drogas - tanto é que foram proibidas nos estádios de futebol no Brasil²³ e até mesmo o próprio jogador Adriano fez uso problemático, no momento em que estava em depressão. Não se questiona o comerciante, e, sim, o jogador, por beber em demasia. Um processo que ocorre ao contrário, quando se fala de outros entorpecentes, acusando os traficantes pretos e pobres como a encarnação do mal, a serem abatidos por disseminarem drogas, que trazem malefícios para a sociedade. Para os empresários é concedido, até mesmo, o patrocínio da Seleção Brasileira e de times de futebol²⁴, isso demonstra que a decisão do que é lícito e do que não é, muitas vezes é mais uma questão política do que necessariamente uma preocupação com o indivíduo e com a sociedade em questão. E essa decisão tem muito mais a ver com um projeto de extermínio do que com o de segurança ou o de saúde pública.

Dessa forma, o cientista social Orlando Zaccone (2015) traduz a política de guerra às drogas. Para o autor, o combate tem ao mesmo tempo uma irracionalidade e uma racionalidade que funcionam de formas complementares. Na primeira, se faz uma política de combate às drogas em que se tem como base a proteção da vida, mas executa-se uma guerra que mata mais do que as drogas. Já, na segunda, a racionalidade, que está justamente em promover um extermínio étnico e social das populações empobrecidas favelada e periférica, utiliza-se os modelos punitivistas como um elemento justificador do processo. Tendo a mídia, com seu populismo penal, seu grande catalisador, que ao invés de esclarecer todo esse conjunto, o oculta e o silencia, além do fato de exibir a imagem do jogador para reforçar o estereótipo e, conseqüentemente, reiterar esse projeto de extermínio social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste trabalho, foi possível compreender o processo sócio-histórico da criminalização da pobreza, seu entrelaçamento com a política punitivista e seu recorte racializado. Ao fazer um balanço da construção do Estado Neoliberal, foi observado como a política do Estado penal atuou nas chamadas guerras às drogas e, portanto, os denominadores desse combate recaíram sobre a população mais pobre, nas periferias dos grandes centros, não porque lá existiriam maiores quantidades de drogas, mas, sim, porque o projeto de punitivismo foi criado com o fim de legitimar o extermínio.

Entretanto, ao se trabalhar com a Micro-história, foi selecionada a figura do futebolista

22 BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015

23 Uol. **Lei da Copa deve mudar Estatuto do Torcedor para liberar cerveja em estádio.** São Paulo, 2011.

24 SÁ, Sylvia de. Ambev quer fazer da Brahma a cerveja do futebol. *In: Mundomarketing.* Rio de Janeiro, 2010.

Adriano Imperador. É a partir da imagem do futebolista que é nítido perceber uma trama social já existente. Esta pesquisa depositou um olhar micro sobre um caso, no qual se intentou encontrar a situação macro, com maior clareza e minuciosidade. Apesar de conquistar o mundo e da euforia da imprensa, com futebol de alta performance. O ex-jogador conseguiu ser alvo da mesma imprensa por destacar sua amizade com aqueles que foram considerados pela sociedade brasileira como a encarnação do mal a ser abatido. Utilizaram a imagem do jogador como trampolim para suas notícias rasas e superficiais sobre a violência que acomete o Brasil, que, devido ao populismo penal, mais atrapalha que, de fato, ajuda na resolução do problema da segurança pública.

Adriano surge como exemplo e prova da ideologia liberal de que se pode vencer todos os adversários se tiver esforço, inclusive: pode vencer o trauma de ver, ainda criança, o pai baleado na cabeça e conviver com a bala alojada, a perda de dezenas de amigos, as dificuldades financeiras para treinar durante a infância e adolescência. Além do fato de ver a mãe trabalhando dobrado para sustentar o filho e a casa. Vencidos todos eles, conseguiu ser aplaudido e tido como referência àqueles que vieram da mesma condição. Entretanto, cruzam-se os braços para enxergar que naquilo que dizem ser dificuldade, é, na verdade, uma violência sistematizada e institucionalizada que acomete moradores das comunidades. Localidades onde o corpo do homem negro é exposto, propenso à violência, mas nunca vítima dessa violência, que é focalizada, historicamente, sobre essa população.

Por fim, o futebol se apresenta como afirma o antropólogo Roberto da Matta (1982), como uma “metáfora da vida” (DA MATTA, 1982, p.56). Assim, percebe-se como o Brasil, enquanto nação, elege com euforia os “matadores artilheiros” em campo, como no caso do jogador Adriano, mas ao mesmo tempo são criminalizados devido às suas origens, tornando toda a população favelada, periférica, “matável” e sem passividade de luto. Se é no futebol e, especialmente, na seleção brasileira que é possível tornar-se aquilo que gostaria-se de ser, uma pátria vitoriosa e em harmonia social e, principalmente, racial, é na realidade que se encontra, de fato, o Brasil, um país desigual, violento e com os mais vulneráveis e diversos no futebol. Os pretos não são vistos como glória ou símbolo da expressão nacional, e, sim, como possíveis criminosos e suspeitos tradicionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Thaís Salvador Heitor de. **Populismo penal na época do Espetáculo: como vieses cognitivos motivam políticas** públicas criminais. FGV-Rio, 2018. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/28252/THA%C3%8DS%20SALVADOR%20HEITOR%20DE%20ALMEIDA%20.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em 25 ago. 2020.
- BARCELOS, Caco. **Rota 66: A história da polícia que mata**. In: Record. Rio de Janeiro, 2003.
- BARROS, José D'Assunção. **Sobre a feitura da Micro-história**. In: Opsi, vol.7, n9, julho-dezembro, 2007.
- BASTOS, Lucas Lopes Albuquerque. **A construção de idolatria futebolística: um estudo de caso sobre Adriano, o "Imperador"**. UFF- Rio, 2016.
- BICUDO, Hélio Pereira. **O Brasil Cruel e sem maquiagem**. São Paulo: Moderna, 1994.
- BORTOLOZZI, Flavio; HANSEN, Thiago; MOTTA, Felipe. **A História do proibicionismo**. In: SoundCloud, 2017. Podcast. 02h10min: 25s. Disponível em: <https://soundcloud.com/salvo-melhor-ju-zo/smj-48-historia-do-proibicionismo>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?** Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5639899/mod_resource/content/1/Quadros%20de%20Guerra%20-%20Judith%20Butler.pdf. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CESAR, Nathaly Barbiery Marcondes. Marques, José Carlos. **O futebol-arte brasileiro: uma tradição continuamente reinventada e contestada**. Fuli/UFGM, V.3, n.p., maio-ago. 2018- sobre copas do mundo.
- CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte**. São Paulo: Companhia das letras, 2011.
- CONVERSA COM BIAL [entrevistador]. Entrevista com Adriano Leite Ribeiro. Rio de Janeiro, outubro, 2017a.
- CONVERSA COM BIAL [entrevistador]. Entrevista com Rafael Amaral França. Rio de Janeiro, outubro, 2017b.
- CORREIOS 24 HORAS. **Jornal publica foto do jogador Adriano com metralhadora. Empresário de Adriano diz que jogador foi vítima de extorsão**. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/jornal-publica-foto-do-jogador-adriano-com-metralhadora/>. Acesso em: em 07 set. 2010.
- DA MATTA, Roberto. **Futebol: ópio do povo x drama de justiça social**. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, v. 1, 4, p. 54-60, nov. 82.
- DUVERNAY, Ava. **A 13º Emenda**. In: Netflix. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/80091741?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2Cb0267196-658f-4f73-b914-fbc2e4cb3fbe-34055151%2C%2C>. Acesso em: 20 ago. de 2020.
- ESPORTEIG. **Adriano Imperador aparece ao lado de traficante da rocinha em foto e desabafa**. Fonte: <<https://esporte.ig.com.br/futebol/2017-09-23/adriano-imperador-rocinha-traffic.html>>. Acessado em 07 set. 2020.
- ESPORTEIG. **Com tatuagem de arma, Raheem Sterling causa polêmica na Inglaterra**. Disponível em: [---

Cadernos de História, v. 22, n. 37, p. 296-313, 2021](https://esporte.ig.com.br/futebol/copa-do-mundo-2018/2018-05-29/raheem-</p></div><div data-bbox=)

[sterling.html](#). Acesso em: 24 set. 2021.

FELTRAN, Gabriel. **Homicídios no Brasil: um esboço para um modelo de análise**. Fórum de segurança Pública, 2019.

FILHO, Orlando Zaccone D'Elia. **Indignos de vida: a forma jurídica da política de extermínio de inimigos da cidade do rio de janeiro**. Rio de Janeiro: RENAAM, 2015.

FREITAS, Guilherme Silva Pires de. TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **O processo do futebol como elemento da identidade nacional**. FuLiA / UFMG, v. 4, n. 3, set. Dez., 2019 – FUTEBOL E POLÍTICA.

GAZETTA ESPORTIVA. **Copa América de 2004 salva pelo Imperador**. Fonte: <https://www.gazetaesportiva.com/campeonatos/copa-america/copa-america-de-2004-salvo-pelo-imperador/>. Acessado em 07 ago. 2020.

GUINZBURG, Carlo. **O queijo e os Vermes. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. In: Companhia das Letras. São Paulo, 2006.

JÚNIO, Janir. Adriano: da favela a Milão, morte do pai, assassinato e chantagens. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2012/09/traumas-da-favela-milao-morte-do-pai-assassinato-e-chantagens.html>; Rio de Janeiro, 2012a. Acessado em 20 mar. 2021

JÚNIOR, Janir. Mundo cão: pobreza, violência e morte marcam infância de Adriano. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2012/09/mundo-cao-pobreza-violencia-e-morte-marcam-infancia-de-adriano.html>. Rio de Janeiro, 2012b. Acessado em 20 mar. 2021.

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades alternativas para a crise urbana**. In: Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2013.

MEDICE, João Henrique. **Adriano é campeão, artilheiro e o melhor da Copa das Confederações**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas/2005/06/29/ult59u94620.jhtm>. Acesso em: 07 set. 2020.

SANTOS. Milton. **A urbanização Brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em: https://professor.ufrgs.br/dagnino/files/santos_milton_a_urbanizacao_brasileira_1993.pdf. Acesso em: 24 set. 2021.

SÁ, Sylvia de. **Ambev quer fazer da Brahma a cerveja do futebol**. In: Mundomarketing. Disponível em: <https://www.mundomarketing.com.br/reportagens/mercado/14335/ambev-quer-fazer-da-brahma-a-cerveja-do-futebol.html>. Acesso em: 19 set. 2020.

SOUZA, Jessé. **A Ralé Brasileira: Quem é e como vive**. In: UFMG. Belo Horizonte, 2009.

STERLING, Raheem Shaquille. **When you're training and realised you ain't post on the gram in couple days**. Instagram, 2018. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BjS93neFGDg/>. Acesso em: 17 mar. 2021.

UOL. **Lei da Copa deve mudar Estatuto do Torcedor para liberar cerveja em estádio**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/copa-2014/ultimas-noticias/2011/08/17/lei-da-copa-deve-mudar-estatuto-do-torcedor-para-liberar-cerveja-em-estadio.htm>. Acesso em: 19 set. 2020.